

“O CARTEIRO CHEGOU”

REFLEXÕES SOBRE O TRABALHO COM A LINGUAGEM NA EDUCAÇÃO INFANTIL¹

Luíse Faria Bom

Resumo: Este estudo buscou produzir reflexões sobre o trabalho com a linguagem na Educação Infantil. Seu objetivo principal é focar uma prática de letramento na Educação Infantil como uma forma de valorizar a criança como sujeito de linguagem, sem restringir suas possibilidades ao domínio da escrita. Para tanto, utilizou-se como tipo de pesquisa a intervenção pedagógica, seguindo os pressupostos de Damiani (2013), sendo este dividido em dois processos, a intervenção propriamente dita e a avaliação da intervenção. Esta intervenção foi realizada em uma turma de Jardim de uma escola de Educação Infantil do município de Jaguarão-RS. Para uma análise teórica dos resultados foram utilizadas principalmente as teorias de Magda Soares e o apoio de documentos oficiais que regem a etapa de ensino em questão. A partir deste trabalho foi possível perceber a importância de propiciar aos alunos atividades que trabalhem as várias formas de linguagem das crianças de forma integrada e que tenham significado para os mesmos.

Palavras-chave: Educação Infantil. Linguagem. Intervenção pedagógica.

Resumen: Este estudio busco producir reflexiones sobre el trabajo con el lenguaje en la Educación Infantil. Su objetivo principal es enfocar una práctica de letramento en la Educación Infantil como una manera de valorizar el niño como sujeto del lenguaje, sin restringir sus posibilidades a la escrita. Para tanto, se utilizó como tipo de investigación la intervención pedagógica, siguiendo los presupuestos de Damiani (2013), siendo estos divididos en dos procesos, la intervención propriamente dicha e la evaluación de la intervención. Esta intervención fue realizada con un grupo de

¹ Este trabalho, desenvolvido sob orientação da professora Maiane Liana Hatschbach Ourique é apresentado ao componente curricular **Reflexão Sobre a Prática Docente**, como requisito parcial para a conclusão do curso de Licenciatura em Pedagogia da Universidade Federal do Pampa, campus Jaguarão.

“Jardim” de una escuela de Educación Infantil del municipio de Jaguarão-RS. Para una analice teórica de los resultados fueron utilizadas principalmente las teorías de Magda Soares y el apoyo de documentos oficiales que rigen la etapa de enseñanza en cuestión. A partir de este trabajo fue posible percibir la importancia de propiciar a los alumnos actividades que trabajen las diversas formas de lenguaje de los niños de manera integrada y que tengan significado para ellos.

Palabras clave: Educación Infantil. Lenguaje. Intervención pedagógica.

1. Considerações iniciais

As práticas na Educação Infantil vêm sendo reformuladas ao longo dos últimos anos e é cada vez maior a preocupação com relação a práticas pedagógicas adequadas para esta etapa do desenvolvimento humano.

É crescente também o interesse pelo trabalho com a linguagem escrita com crianças menores de seis anos. É corriqueiro encontramos professores desenvolvendo com seus alunos de pré-escola, e até mesmo de etapas anteriores, atividades de alfabetização (exercícios de grafia de letras e repetição de sons). Por ser professora de Educação Infantil, noto também que vem se apresentando, de forma crescente, certa cobrança por parte dos pais, de que seus filhos precisam conhecer todas as letras, conhecer palavras que comecem com as mesmas, escrever seu nome, entre outros.

A motivação para a elaboração deste trabalho surgiu justamente de minha prática. Mesmo ainda não tendo concluído o curso de Pedagogia, exerço a docência há alguns anos, por ter cursado o magistério e já atuei em algumas escolas de Educação Infantil, tanto particular, quanto municipais. Nestas, pude perceber que, muitas vezes, atividades que seriam importantes para as crianças deixam de ser feitas para, em seu lugar, serem efetuadas outras com a finalidade de alfabetizar no sentido tradicional, ou seja, do domínio da leitura e da escrita através de práticas de repetição e memorização. Estes, muitas vezes, apresentam-se como exercícios descontextualizados e sem sentido para os alunos.

O objetivo desta pesquisa não é, pois, julgar se são apropriadas ou inapropriadas estas atividades, mas, sim, observar e refletir criticamente sobre como elas vêm ocorrendo. Tendo em vista isso, a intenção principal do trabalho é focar

uma prática de letramento na Educação Infantil como uma forma de valorizar a criança como sujeito de linguagem, sem restringir suas possibilidades ao trabalho com o domínio da escrita.

Para tanto, minha reflexão tem como base metodológica um projeto de intervenção, seguindo os apontamentos de Magda Damiani, que descreve este tipo de proposta da seguinte forma:

(...) são investigações que envolvem o planejamento e a implementação de interferências (mudanças, inovações) – destinadas a produzir avanços, melhorias, nos processos de aprendizagem dos sujeitos que delas participam – e a posterior avaliação dos efeitos dessas interferências. (DAMIANI, 2013, p. 58)

Neste sentido, minha proposta de intervenção será realizada em uma turma de jardim (4 a 5 anos), de uma escola particular de Educação Infantil do município de Jaguarão–RS. O projeto terá como base duas histórias infantis previamente selecionadas e, a partir destas, serão elaboradas uma série de atividades que exploram as diversas formas de linguagem da criança. Estas práticas serão aqui descritas e analisadas sob o ponto de vista da aprendizagem das crianças e das possibilidades de validade da intervenção para outros contextos, visando à produção de conhecimentos para o campo pedagógico.

Para poder discorrer de forma mais clara sobre o tema, destaco que o foco da Educação Infantil não é alfabetizar os alunos, embora muitos deles cheguem ao primeiro ano do Ensino Fundamental já alfabetizados. Mas, afinal, qual é o trabalho que deve ser focado na Educação Infantil? O que dizem os documentos oficiais, orientadores das práticas institucionalizadas? Na tentativa de responder a estas perguntas, o Referencial Curricular Nacional para a Educação Infantil (RCNEI, 1998a, p. 17), apresenta a forma integrada que devem ser trabalhados os diferentes aspectos do desenvolvimento infantil:

Embora haja um consenso sobre a necessidade de que a educação para as crianças pequenas deva promover a integração entre os aspectos físicos, emocionais, afetivos, cognitivos e sociais da criança, considerando que esta é um ser completo e indivisível, as divergências estão exatamente no que se entende sobre o que seja trabalhar com cada um destes aspectos (BRASIL, 1998a, p.17).

O trecho acima nos mostra as dificuldades que os professores têm em delimitar o que devem trabalhar com seus alunos. Como forma de auxiliar nesse

processo, o RCNEI traz em seu 2º e 3º volumes, de forma clara e coesa, o que deve ser trabalhado em cada faixa etária, em todas as áreas, bem como objetivos e orientações didáticas específicas para cada uma delas.

As Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Infantil (DCNEI, 2010) apresentam também informações importantes acerca de como devem se dar as práticas pedagógicas nesta etapa. Nelas, fica expresso que as propostas pedagógicas das instituições de Educação Infantil devem assegurar em suas práticas a “educação em sua integralidade, entendendo o cuidado como algo indissociável ao processo educativo” e, ainda, considerar a “indivisibilidade das dimensões expressivo-motora, afetiva, cognitiva, linguística, ética, estética e sociocultural da criança” (DCNEI, 2010, p. 19).

Destaco também que existem vários conceitos para alfabetização, desde aqueles que a compreendem como uma atividade instrumental até aquelas que não conseguem dissociá-la das relações socioculturais que os sujeitos mantêm. No presente estudo, trabalharemos na perspectiva de Magda Soares, com os conceitos de alfabetização e letramento. Segundo Soares, o conceito de alfabetização é entendido como a aquisição do sistema convencional de escrita. Já o conceito de letramento corresponde ao desenvolvimento de comportamentos e habilidades de uso competente da leitura e da escrita em práticas sociais (SOARES, 2004. p. 97). Dessa forma, um indivíduo pode dominar o uso do código convencional de escrita mas não ser letrado, ou ainda, entender as funções da escrita e de vários portadores de textos, mas não conseguir lê-los de maneira convencional.

É necessário também esclarecer qual o conceito de criança aqui considerado. Nas Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Infantil, elaboradas pelo Ministério de Educação e Secretaria de Educação Básica, este é expresso da seguinte forma:

Sujeito histórico e de direitos que, nas interações, relações e práticas cotidianas que vivencia, constrói sua identidade pessoal e coletiva, brinca, imagina, fantasia, deseja, aprende, observa, experimenta, narra, questiona e constrói sentidos sobre a natureza e a sociedade, produzindo cultura. (BRASIL, 2010. p.12)

Percebemos assim que a criança é tida não como um indivíduo passivo, que apenas absorve conhecimentos, mas, sim, como um ser complexo e cultural,

inserido em uma sociedade com a qual interage constantemente e, a partir destas interações, constrói suas aprendizagens.

2. Educação Infantil e linguagem

2.1 O trabalho na Educação Infantil

O trabalho na Educação Infantil sofre certa desvalorização, tanto com relação ao ensino e ao que deve ser trabalhado, quanto com relação à formação necessária para os profissionais que nesta área atuam, pois devido a pouca idade dos alunos é comum ouvirmos frases como “eles vão para a escolinha só para brincar” ou “por que precisa de formação se é só alimentar, brincar e cuidar para que não se machuquem?”.

As brincadeiras permeiam, sim, grande parte das atividades que ocorrem dentro das instituições de Educação Infantil, no entanto, não é apenas o brincar pelo brincar, cada uma delas tem um sentido e pretende desenvolver um ou mais aspectos no aluno. Neste sentido, agrega-se também a questão da formação profissional, para fazer atividades que desenvolvam os conhecimentos da criança, é preciso ter embasamento teórico e clareza de como estes processos de aprendizagem devem ocorrer.

O RCNEI é um documento orientador a Educação Infantil que traz em seu corpo vários conceitos que permeiam a prática docente nesta etapa (como o de criança, de cuidar e de educar) bem como as áreas, conteúdos e objetivos que devem ser trabalhados, o que contribui para a qualidade do trabalho do professor. Ele possui uma linguagem de fácil compreensão e organiza-se em três volumes: o primeiro é um documento introdutório que traz os principais conceitos e objetivos necessários para a organização do trabalho pedagógico, os outros dois dividem-se em dois âmbitos, respectivamente, o de Formação Pessoal e Social e o de Conhecimento de Mundo. O primeiro destes contém o eixo que trata principalmente das questões de identidade e autonomia e o segundo subdivide-se nos eixos de Movimento, Música, Artes Visuais, Linguagem Oral e Escrita, Natureza e Sociedade e Matemática.

A partir da leitura deste documento é possível organizar as aulas de modo que estas sejam significativas e importantes para a aprendizagem dos alunos, pois

ele deixa claro que existem conteúdos a serem trabalhados nas escolas infantis, o que deve ser desenvolvido em cada faixa etária e algumas possibilidades de como esse trabalho pode ser efetuado.

Ao contrário do que algumas pessoas pensam, e conforme vínhamos discutindo, até mesmo com as crianças menores, o trabalho do professor de Educação Infantil exige muito planejamento. O trabalho com as várias formas de linguagem da criança, por exemplo, dentro de uma escola de Educação Infantil, acontece desde a mais tenra idade. Os professores do berçário, até mesmo nas atividades mais rotineiras, como a troca de fraldas, podem incentivar seus alunos a desenvolver diversas aprendizagens, através de conversas, de comandos como “levante o bumbum para que eu possa colocar a fralda” ou “você pode pegar sua fralda na mochila para mim?”, entre outras atividades.

Estas aprendizagens podem ocorrer em níveis diversos, dependendo das interações que o professor proporcionar, ou até mesmo deixarem de ocorrer caso o adulto responsável em questão trate a criança apenas como um ser que precisa ser alimentado e cuidado para que não se machuque, negligenciando suas potencialidades.

O desenvolvimento da linguagem oral está muito ligado às intervenções que a criança recebe por parte do adulto. Quando esta deseja um objeto, normalmente aponta para ele. O adulto poderá, então, agir de duas formas diversas: entregar o brinquedo pedido, sem interagir com o bebê ou questioná-lo, perguntando “o que você deseja?”, “Você quer o copo ou a garrafinha?”, “Você quer o copo? Então diga copo para mim...”. A primeira situação pouco contribuirá com o desenvolvimento do bebê, restringindo-se apenas a saciar uma vontade momentânea da criança, no entanto, a segunda fará com que está passe a refletir sobre os significados da fala, despertando aos poucos, o interesse em usá-la para explicitar suas vontades.

A intervenção do professor é necessária para que, na instituição de educação infantil, as crianças possam, em situações de interação social ou sozinhas, ampliar suas capacidades de apropriação dos conceitos, dos códigos sociais e das diferentes linguagens, por meio da expressão e comunicação de sentimentos e ideias, da experimentação, da reflexão, da elaboração de perguntas e respostas, da construção de objetos e brinquedos, etc. (BRASIL, 1998a, p. 30).

A citação acima deixa claro o papel fundamental das intervenções do professor de Educação Infantil e o quanto estas são necessárias para o desenvolvimento de novas aprendizagens pelas crianças.

2.2 A criança e a linguagem

Conforme a criança vai crescendo, a linguagem oral passa a ser mais valorizada. Por volta dos dois anos e meio, é importante incentivar a fala como forma de solucionar problemas, mesmo que as conversas necessitem do auxílio do professor. A partir dos quatros anos de idade em média, é interessante que o professor interfira menos nestas conversas, observando-as de forma discreta sempre, mas dando a chance de que os alunos “entendam-se sozinhos”.

Quanto à aquisição da linguagem escrita, Craidy e Kaercher (2001) afirmam que, durante a Educação Infantil, devemos estar lendo e escrevendo com as crianças. Explicam que os verbos ler e escrever são empregados no gerúndio pois estão indicando um processo, deve-se iniciar uma exploração destes instrumentos com as crianças, sem no entanto ter a obrigação de alfabetizá-las ao final desta etapa de ensino. Para as autoras (2001, p. 141):

(...) devemos estar preparados para responder as crianças à altura de sua curiosidade – para não desperdiçarmos suas potencialidades, para não lhes negar o conhecimento a que tem direito, para não desanimá-las e confundil-as, nem empobrecê-las nas suas iniciativas de se relacionar com a complexidade do mundo. Para evitarmos este tipo de desigualdade e constrangimento, devemos estar teórica e praticamente informados, atualizados e isso é possível quando investimos na continuidade de nossa formação profissional, quando refletimos sobre o processo de construção de nossa própria atividade pessoal.

Ao iniciar o trabalho com a leitura e escrita na Educação Infantil, o professor necessita estar ciente de que as atividades devem ter um sentido para os alunos e, principalmente, de que estes precisam entender para que utilizamos a leitura e a escrita, qual o sentido dessas práticas em sua vida, ou seja, o uso social destes processos.

Nesse sentido, é interessante investigar com as crianças onde encontramos letras, quais elas conhecem, o que será que elas estão querendo dizer, enfim, problematizar os usos da escrita no cotidiano da criança. Porém, Craidy e Kaercher chamam a atenção para um ponto importante, de nada valem estas discussões se

as crianças não tiverem demonstrado indícios de que estão interessadas por este universo da leitura e da escrita, caso contrário seria “nadar contra a corrente”, “forçar a barra” (CRAIDY; KAERCHER, 2001, p. 142). No extremo oposto, também não é possível ignorar o interesse dos alunos quando estes o demonstram diariamente através de questionamentos, dizendo-lhes apenas que “quando forem maiores aprenderão” ou dando respostas vazias. Esta observação astuciosa do professor, acrescida de um planejamento adequado para o desenvolvimento da linguagem, são aspectos importantes que guiam a realização deste trabalho.

No início deste texto, relatei que trabalharia com a perspectiva de Magda Soares (2004), com os conceitos de alfabetização e letramento, que significam, respectivamente, a aquisição do sistema convencional de escrita e o desenvolvimento de comportamentos e habilidades de uso competente da leitura e da escrita em práticas sociais (SOARES, 2004. p. 97). Tendo isto em mente, é possível dizer que um indivíduo domina o código de escrita, mas não é necessariamente letrado, ou seja, não compreende como utilizar este código em práticas sociais. Por sua vez, uma pessoa pode ser considerada analfabeta por não dominar este mesmo código, porém compreende as funções da leitura e escrita e muitas vezes sabe fazer o uso social destas funções.

Apesar de apresentar estes dois conceitos de forma separada, Soares (2004, p. 97) afirma que é impossível dissociá-los, pois são interdependentes, uma prática só é adquirida de modo real estando em conjunto com a outra:

(...) alfabetização e letramento são interdependentes e indissociáveis: a alfabetização só tem sentido quando desenvolvida no contexto de práticas sociais de leitura e de escrita e por meio dessas práticas, ou seja, em um contexto de letramento e por meio de atividades de letramento; este, por sua vez, só pode desenvolver-se na dependência da e por meio da aprendizagem do sistema de escrita.

Deste modo, a necessidade de diferenciar alfabetização e letramento é de ordem formal, não um apoio instrumental que deve ser usado para classificar os processos de aquisição da língua vividos pela criança. Ainda com relação à aprendizagem das crianças, no que tange à alfabetização e ao letramento e sobre a indivisibilidade deste processo, Soares (2004, p. 100) afirma:

(...) a criança alfabetiza-se, constrói seu conhecimento do sistema alfabético e ortográfico da língua escrita, em situações de letramento, isto é, no contexto de e por meio de interação com material escrito real, e não artificialmente construído, e de sua participação em práticas sociais de leitura e de escrita; por outro lado, a criança desenvolve habilidades e comportamentos de uso competente da língua escrita nas práticas sociais que a envolvem no contexto do, por meio do e em dependência do processo de aquisição do sistema alfabético e ortográfico da escrita.

Para que haja esta interação com material escrito real, é fundamental que o professor propicie para seus alunos, em sua sala de aula, um ambiente alfabetizador. Muitos docentes confundem ambiente alfabetizador com salas cobertas por cartazes e até mesmo móveis etiquetados com nomes, acreditando que a simples presença da escrita seria suficiente para os alunos. Porém é preciso mais do que isso, é fundamental que o professor envolva seus alunos em atividades significativas de leitura e escrita, explorando o uso social das mesmas. Isto pode ser feito, por exemplo, através da construção de listas de compras, receitas culinárias, leituras de regras de jogos dos quais as crianças participarão, leitura de bilhetes que serão enviados aos pais, entre outros.

É importante envolver os alunos nestas atividades e permitir que participem de forma real, opinando e sugerindo soluções para o que está sendo proposto e não apenas executando ações pré-estabelecidas pelo professor.

Visto que a escrita é uma representação da linguagem, deve-se ver a criança a ser alfabetizada e letrada como alguém que pensa, que constrói interpretações, que age sobre o real para fazê-lo seu, portanto um ser capaz de construir seu próprio conhecimento, desde que haja suporte para tal, podendo assim, já na Educação Infantil, elaborar suas próprias ideias sobre o sistema de escrita.(COELHO, 2010, p. 83).

Ao interagir com os colegas, professor e objetos de estudo, a criança cria e recria hipóteses sobre o que está tentando apreender. O professor, como mediador, não deve “classificar” estas hipóteses simplesmente como corretas ou erradas, desmotivando os alunos, mas, sim, estimulá-los e auxiliá-los na busca por respostas, apontando caminhos e propondo desafios que possam ser significativos nos processos de aprendizagem.

3. Projeto “O carteiro chegou”

Os projetos de intervenção pedagógica trazem a possibilidade de, a partir de atividades práticas, refletirmos sobre situações ocorridas dentro de sala de aula, de modo a contribuir de forma significativa com a melhoria destas.

O projeto **O carteiro chegou** segue o exposto por Magda Damiani acerca das pesquisas que envolvem intervenção pedagógica, especialmente no texto **Discutindo pesquisas do tipo intervenção pedagógica** (2013). A autora considera que os projetos de intervenção pedagógica configuram-se em investigações que envolvem o planejamento de interferências e a implementação destas, com a finalidade de produzir avanços/melhorias nos processos de aprendizagens vividos pelos indivíduos e uma consequente avaliação dos efeitos destas interferências (DAMIANI et al, 2013, p. 58).

Desta forma, o método das pesquisas deste tipo possui dois componentes principais: a intervenção pedagógica e a avaliação da intervenção. O primeiro deles refere-se à forma e ao planejamento das ações de intervenção (3.1). O segundo refere-se aos instrumentos de coleta e à análise dos dados utilizados para perceber os resultados provocados pelas ações interventivas, tanto do ponto de vista da aprendizagem das crianças, quanto das possibilidades de validade da intervenção para outros contextos, visando à produção de conhecimentos para o campo pedagógico (3.2).

3.1. Projeto **O carteiro chegou**

O projeto de intervenção intitulado **O carteiro chegou**, constitui-se de ações planejadas a partir duas histórias infantis, sendo elas **O carteiro chegou** (AHLBERG, 2007) e **O Natal do carteiro** (AHLBERG, 2010). Os livros foram selecionados, pois apresentam em seu interior, vários portadores de texto que vão surgindo conforme a história é contada (cartas, propagandas, cartões postais, convites, entre outros). Eles estão baseados em um tema previamente selecionado e na elaboração de atividades que trabalhassem com as várias formas de linguagem das crianças. Todas estas ações são descritas detalhadamente mais abaixo.

No livro **O poder dos projetos: novas estratégias e soluções para a Educação Infantil**, Helm e Beneke (2005) explicitam treze estratégias possíveis para que o professor estimule seus alunos com relação ao desenvolvimento da linguagem, principalmente da escrita. Minha proposta de intervenção baseia-se

nesta obra, tendo sido adaptada à realidade da atuação e à faixa etária dos alunos em questão. Compõe-se de três estratégias: atividades linguisticamente ricas, atividades que estimulem o registro e momentos para ouvir e questionar.

Para expor de forma mais clara no que consiste cada uma das estratégias propostas, as descreverei a seguir, apresentando também o grupo de atividades do projeto que são contempladas em cada uma delas.

- **Atividades linguisticamente ricas:** esta estratégia corresponde à realização de atividades que estimulem o desenvolvimento da linguagem (oral, escrita, corporal...) pela criança de forma lúdica e através da interação com os demais colegas e professora. A esta estratégia pertencem às atividades de número 1, 2, 3, 4, 7, 8, 9 e 10, descritas logo abaixo no texto.
- **Atividades que estimulem o registro:** esta estratégia diz respeito a incentivar os alunos a registrarem suas ideias no papel, inicialmente em forma de desenho e, posteriormente, utilizando letras e símbolos. É importante a valorização dos registros feitos pelas crianças durante as atividades, pois assim estas ganham confiança e aos poucos vão assumindo uma postura de escritores. É necessário também que o professor assuma uma postura questionadora durante estas atividades, fazendo com que os alunos reflitam sobre o que estão fazendo/desenhando/escrevendo e que apliquem correções a estes produtos quando constatarem que seja necessário. A esta estratégia pertencem às atividades de número 2, 5, 6, 8 e 10, descritas logo abaixo no texto.
- **Momentos para ouvir e questionar:** esta estratégia, diferentemente das duas anteriores, perpassará todas as atividades realizadas no projeto. Ela diz respeito a estimular as crianças a ouvirem seus colegas durante os momentos de diálogos, bem como a aprender a fazer questionamentos de forma mais clara e coesa. Os diálogos são uma constante na realização das tarefas, pois através deles é que há a troca de informações, as explicações, os questionamentos e até mesmo a introdução de novos assuntos no projeto.

O projeto foi executado em uma turma de Jardim, de uma escola particular de Educação Infantil do município de Jaguarão/RS, onde atuo como professora. As crianças possuem idades entre quatro e cinco anos e vem demonstrando nos últimos meses um interesse crescente pelo mundo das letras. Foram pensadas as atividades deste projeto de intervenção como forma de estimular o interesse dos

alunos e ampliar suas potencialidades de linguagem – para além da expressão escrita.

As atividades foram organizadas de forma mais sucinta no mapa conceitual, mostrado a seguir, e descritas de forma mais completa logo depois.

Mapa conceitual

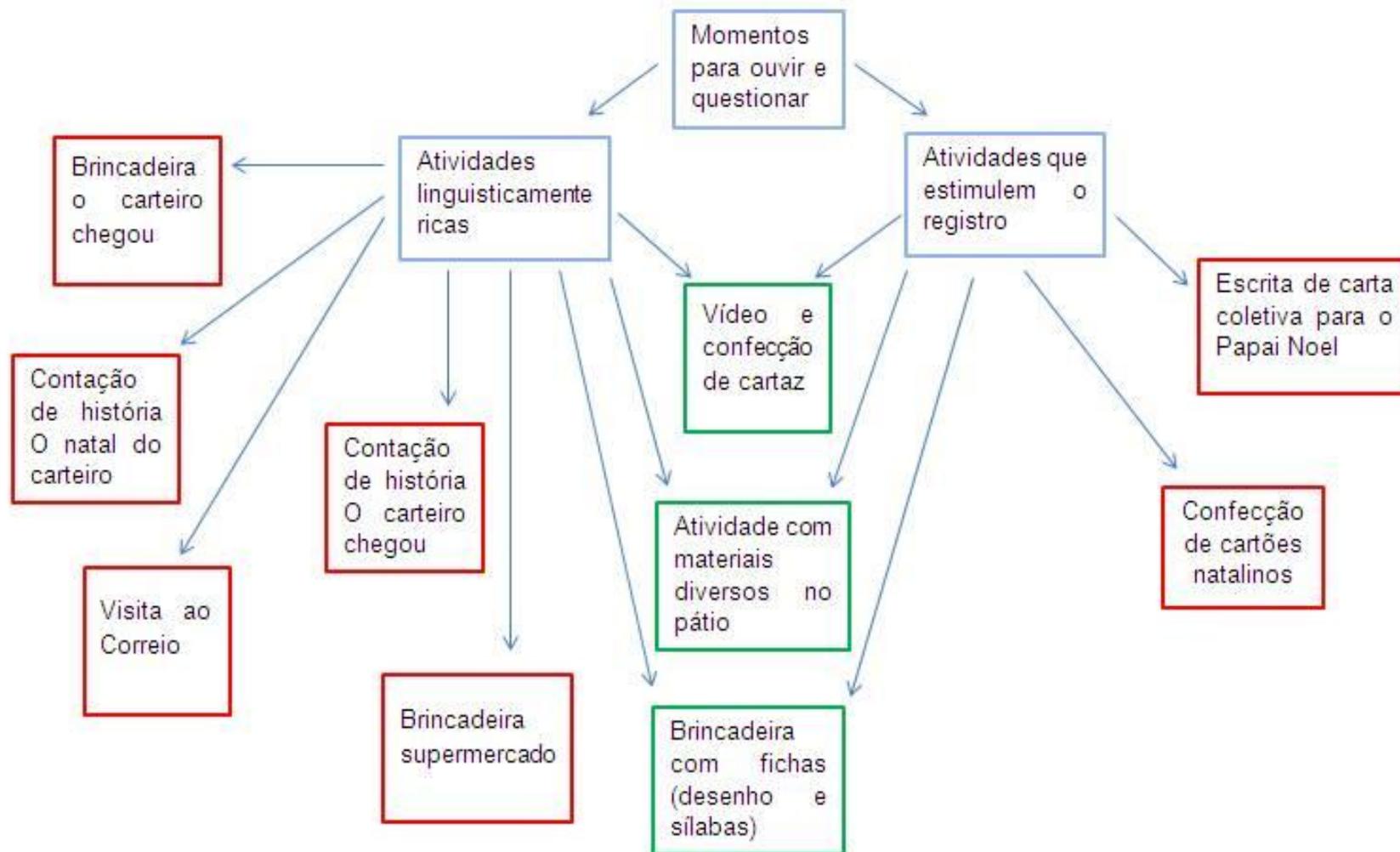


Figura 1: Mapa conceitual com estratégias e atividades do Projeto **O carteiro chegou**.

Atividade 1

Inicialmente a professora solicita que os alunos sentem-se em círculo e conta a história **O carteiro chegou** (AHLBERG, 2007).

O livro conta a história de um carteiro que distribui correspondências pelo local onde moram diversos personagens dos contos infantis, como Cachinhos de Ouro, Cinderela, o Gigante, a Bruxa, entre outros. Dentre suas entregas encontram-se cartões de aniversário, postais, livros, propagandas, em fim, variados portadores de texto.

No corpo do livro, conforme a história vai sendo contada, aparecem envelopes que contém os portadores de texto citados acima, na forma como são distribuídos pelos correios, o que permite a manipulação pelas crianças destes materiais e a observação de suas características.

Após a contação a professora retoma as correspondências uma a uma, e questiona os alunos para saber se estes se lembram do que tratam, como podemos afirmar que tipo de correspondência é aquela, que indícios ajudaram eles a descobrir do que se tratava e se já receberam algo parecido pelo correio.

Atividade 2

Os alunos sentam-se em círculo e, através de alguns questionamentos, a professora retoma a história **O carteiro chegou** contada no dia anterior.

A professora pergunta aos alunos se já viram algum carteiro na rua, se sabem como é o seu trabalho e sua rotina. Para auxiliar na discussão, mostra imagens, por exemplo, do uniforme e veículos dos correios e passa o vídeo “O carteiro Paulo – as cartas voadoras”. Este desenho ilustra de forma lúdica como é o trabalho de Paulo, o carteiro de uma pequena cidade.

Em um segundo momento, pede o auxílio de todos para montar um cartaz informativo com as imagens. A outra turma da escola é convidada para vir observar o cartaz e os alunos que auxiliaram na sua construção são responsáveis por explicá-lo para os demais, tentando responder as perguntas que surgem, contando com o auxílio da professora quando necessário.

Atividade 3

Brincadeira o carteiro chegou

É montado um círculo com cadeiras no centro da sala, onde os alunos sentam-se, com exceção de um que deve ficar no centro na mesma.

Que está no centro da roda inicia a brincadeira dizendo:

_ O CARTEIRO CHEGOU!

Os demais devem responder:

_ O QUE ELE TROUXE?

Aluno central:

_ UMA CARTA!

Colegas:

_ PARA QUEM?

Aluno central:

_ PARA QUEM TEM CABELO____! (o aluno indica uma característica de um ou mais colegas como 'cabelo comprido', 'blusa amarela', 'olho azul'....)

Os alunos que possuem a característica mencionada trocam de cadeira e o aluno que representava o carteiro deve tentar se sentar. Quem ficar sem cadeira ao final das mudanças deve assumir o posto de carteiro e repetir as falas dando uma nova característica.

Atividade 4

A professora organiza os alunos em círculo e conta a história **O natal do carteiro** (AHLBERG, 2010). Este livro possui as mesmas características do contado anteriormente, possuindo diversas encomendas que são entregues pelo carteiro, mas desta vez envolvendo o tema natalino. Além de cartas e cartões, são entregues também diversos presentes e o senhor carteiro precisará dar uma ajudinha ao Papai Noel.

É feita uma roda de conversa onde todos falam sobre o que mais gostaram e o que menos gostaram da história, tentando elaborar justificativas para suas opiniões.

Em seguida, a professora questiona os alunos sobre como o Papai Noel fica sabendo o que as crianças querem de natal, como esses pedidos podem chegar até ele, quem o informa, e assim por diante.

Atividade 5

A professora convida os alunos a elaborarem coletivamente uma grande carta para o Papai Noel, contendo os desejos da turma. Inicialmente, é feito um texto coletivo que é escrito em papel pardo pela educadora. Em seguida, esta lê o texto para todos, com a finalidade de que reflitam sobre a forma como foi escrito e percebam se é necessário efetuar alguma mudança.

Posteriormente, cada aluno tem um espaço na carta onde deve registrar seus pedidos (através de desenhos ou de forma escrita) e assinar seu nome.

A professora questiona os alunos sobre qual a melhor forma desta carta chegar até o seu destinatário e todos escolhem juntos uma opção.

Atividade 6

Os alunos são convidados a elaborar cartões de natal para serem enviados pelo correio para suas famílias. Para tanto, serão disponibilizados diversos materiais como lápis de cor, papéis coloridos, folhas, lantejoulas e recortes natalinos.

Após a confecção é discutido com o grupo o que é preciso fazer para enviar um objeto pelo correio, para isso são retomados trechos das histórias e conversas anteriores sobre o tema.

Em seguida, cada aluno escolhe um envelope para colocar o seu cartão. Os endereços estão escritos em fichas com o nome das crianças, cada uma deve procurar o seu e levá-lo até a professora, que os copia para o envelope na frente dos alunos. Por fim, cada um deve assinar seu envelope.

Atividade 7

Os alunos são convidados a ir até uma agência dos Correios juntamente com a professora para postarem seus cartões. É também uma oportunidade para presenciarem como é o funcionamento dos correios.

Atividade 8

No pátio da escola, a professora convida os alunos a montar uma cidade onde cada um pode desenvolver um papel diferente, para tanto os alunos tem acesso a vários brinquedos, fantasias, e alguns móveis da escola como mesas e cadeirinhas.

Como sugestões mostra aos alunos que eles podem construir casas, oficinas, restaurantes, lojas, em fim tudo o que quiserem, no entanto a educadora não impõe

o que cada um deve fazer. Disponibiliza também papéis e canetinhas caso os alunos queiram confeccionar cartazes ou cardápios por exemplo.

A professora observa como os alunos se organizam e vai fazendo pequenas intervenções, chamando a atenção quando necessário para questões que podem fazer parte das rotinas destes lugares ou questionando, de forma discreta, o que os alunos estão fazendo.

Atividade 9

Os alunos brincam de supermercado. As mercadorias são dispostas em mesas, um deles é o caixa, outro o empacotador e os demais recebem listas com os itens que devem comprar e algumas notas de dinheiro de brinquedo. Nas listas, há o nome do produto e, ao lado deste, o símbolo ou marca do mesmo, para facilitar na identificação. Os alunos se revezam nos papéis conforme a brincadeira vai ocorrendo.

Atividade 10

A professora pede que os alunos sentem-se em grupos de três a quatro crianças. Cada grupo recebe fichas com desenhos de personagens que apareceram nas duas histórias contadas anteriormente e que são comuns nos clássicos infantis. São dispostas também diversas fichinhas contendo sílabas.

A tarefa do grupo é descobrir como se escreve o nome dos personagens. Para facilitar as fichas tem bordas coloridas, sendo que a imagem e as sílabas que formam o nome desta tem as bordas de uma mesma cor.

A professora auxilia os alunos dando dicas quando necessário e, ao 'formarem' a palavra, esta pede que o grupo a leia. Faz questionamentos também com relação aos nomes de algumas letras, se há alguma daquelas presente no nome do aluno, qual, entre outros.

3.2 Análises e reflexões sobre a intervenção

No presente projeto, foram utilizados como instrumentos de coleta de dados gravações de áudio das conversas ocorridas durante as atividades (com a finalidade de que seja possível registrar todo o andamento das manifestações das crianças), o

diário de bordo (com anotações e reflexões feitas pela professora) e fotos das produções materiais (resultantes de algumas das intervenções executadas).

Para me referir aos alunos envolvidos utilizarei letras (A, B, C...) sem qualquer vínculo com os nomes, com a finalidade de proteger suas identidades.

Ao longo de duas semanas desenvolvi as atividades do projeto **O carteiro chegou**, descritas anteriormente, com minha turma de jardim. Neste momento, proponho-me a analisar de forma crítica e reflexiva os resultados obtidos, expondo os mais significativos e abordando tanto as aprendizagens ocorridas nesse período, quanto às possibilidades de utilização do mesmo por outros profissionais, em situações escolares diversas. Para tanto retomarei algumas falas e ações das crianças, as quais foram gravadas e/ou registradas através dos instrumentos de coleta acima descritos, durante nossas tardes de atividades. Também farei uso de algumas imagens fotográficas a respeito dos registros dos alunos para auxiliar na compreensão do ocorrido durante a execução do projeto. A discussão será organizada em torno das estratégias propostas e explicitadas anteriormente.

Desde o princípio do projeto, os educandos mostraram-se muito interessados e questionadores. O tema em si das atividades os surpreendeu, visto que se tratava de um personagem comum, com o qual todos já haviam tido contato em algum momento de suas vidas. As rodas de diálogo foram extremamente produtivas, pois cada criança tinha uma informação diferente para contar aos colegas (seja esta real ou percebida através de desenhos animados). A partir dos conhecimentos prévios dos alunos sobre os carteiros, pudemos realizar diversas discussões e problematizar muitas questões.

A estratégia **Momentos para ouvir e questionar** referia-se a atividades que permitissem aos alunos aprender a como formular melhor as questões que iriam expor e também, ouvir seus colegas durante as rodas de conversa. Os diálogos propostos foram desenvolvidos sempre em conjunto com outras atividades e, mesmo que de forma discreta, houve mudanças nos comportamentos das crianças.

Durante nossas últimas conversas, quando um aluno perguntava algo e eu ou outro colega não compreendíamos, os demais já tratavam de auxiliá-lo a formular melhor o que queria dizer, sem que eu precisasse necessariamente fazer intervenções para que isto ocorresse. Tomei isso como um avanço em suas capacidades de ouvir os colegas e, mais ainda, de perceber que precisariam

modificar suas falas para serem melhor compreendidos e que poderiam auxiliar os colegas a fazer o mesmo quando soubessem.

Sobre as competências do falar e do escutar, o RCNEI mostra que as rodas de conversa são uma importante estratégia no desenvolvimento destas.

A roda de conversa é o momento privilegiado de diálogo e intercâmbio de ideias. Por meio desse exercício cotidiano as crianças podem ampliar suas capacidades comunicativas, como a fluência para falar, perguntar, expor suas ideias, dúvidas e descobertas, ampliar seu vocabulário e aprender a valorizar o grupo como instância de troca e aprendizagem. A participação na roda permite que as crianças aprendam a olhar e a ouvir os amigos, trocando experiências. (BRASIL, 1998c. p.138)

Creio que os alunos se perceberam como parte integrante desse grupo de troca e aprendizagem e, para além disso, perceberam-se como sujeitos que poderiam tanto aprender com os colegas, quanto ensiná-los, o que tornou as interações mais significativas e as conversas durante a realização das atividades mais produtivas.

As atividades pertencentes à estratégia **Atividades linguisticamente ricas** também foram muito interessantes. Foram realizadas contações de histórias e brincadeiras que desenvolviam os diversos tipos de linguagem das crianças de forma prazerosa e dentro do tema proposto no projeto. Dentre elas, destaco a confecção do cartaz sobre os carteiros, realizada logo nos primeiros dias de projeto.

Após retomarmos a história **O carteiro chegou**, observarmos as imagens (uniformes e veículos dos carteiros) e assistirmos ao vídeo do carteiro Paulo, vários alunos apontaram semelhanças entre estes - como a forma dos carteiros entregarem as correspondências - e também diferenças, como por exemplo, o uniforme dos carteiros - no Brasil, o uniforme é amarelo e azul e no vídeo, apenas azul - e os veículos utilizados - em nosso país, são amarelos e no desenho e história eram vermelhos e azuis, respectivamente.

Para organizar o cartaz com as imagens, colocamos-nos em um semicírculo e distribuímos o material no chão à nossa frente. Após organizarmos e fixarmos as imagens na cartolina, sugeri que colocássemos um título no cartaz. Após breve conversa, os alunos decidiram que o título seria "O carteiro". Coloquei, então, o livro da história com a capa virada para cima e perguntei se alguém poderia me indicar onde estava escrita a palavra carteiro. Prontamente uma aluna se levantou e mostrou-me as letras que formavam esta palavra. A seguir, mostrei-lhe as outras

letras do título e perguntei se ali também não estava escrito carteiro, a resposta dela foi: “Não, aqui (apontado para o restante do título) e aqui (apontando para o nome do autor e demais informações da capa) estão escritas outras coisas.”

Quando questionada sobre que outras coisas seriam estas, ela apontou para o título e “leu” a frase completa, em seguida apontou para as demais informações e disse que não sabia o que eram, que seriam apenas “outras coisas”. Com isso, perguntei à turma se poderiam me ajudar a escrever, me dizendo quais letras eu deveria colocar no título do cartaz, mais da metade da turma foi me dizendo às letras em ordem. No meio da palavra “carteiro”, parei e perguntei se já havia acabado, e alguns dos alunos me disseram que não e apontaram para a palavra escrita no livro. Ao ditar a última letra (“o”), me informaram que havia terminado.

Percebendo o interesse que estavam apresentando pela escrita, através de suas falas, sugeri que acrescentássemos subtítulos (um para os veículos e outro para os uniformes). Ao perguntar com que letra começaria a palavra UNIFORME, a mesma aluna do diálogo anterior respondeu-me que seria com a letra U, e repetiu a palavra dando ênfase a vogal inicial. Nas demais sílabas, ela ia dizendo sempre as vogais e quando eu explicava que necessitava de mais uma letra para fazer aquele som, um segundo aluno associava esta letra a outras palavras, como por exemplo:

Professora: Como será que escrevemos o “ni”?

Aluna A: Com “i”.

Professora: Mas se colocarmos só o “i” ficará “UIFORME”, nós precisamos também colocar a letra “N” junto com ele.

Aluno B: O “N” de “nenê” não é professora?

Ao chegar na sílaba final falei que haviam na nossa sala dois alunos com o nome que terminava do mesmo jeito que esta palavra. Todos seguiram repetindo os nomes a procura do correto e quanto descobriram foram até a lista de nomes para observar como este era escrito.

Aluna A: Tem que colocar o “E” olha! (apontado para a última letra)

Aluno C: Não, tem que colocar essa e essa (apontando para o “M” e o “E” e em seguida lendo em voz alta seu nome para os colegas).

A terceira e última estratégia, **Atividades que estimulem o registro**, refere-se a práticas que estimulassem nos educandos um comportamento de escritores. Dentre as atividades, foram realizadas a escrita de uma carta coletiva e a confecção de cartões natalinos para serem enviados pelos correios para os pais.

Na primeira destas, a grande maioria dos alunos optou, após a criação do texto inicial coletivo, por registrar seus pedidos para o Papai Noel em forma de desenho, no entanto, em meio a atividades um deles veio e perguntou-me se poderia pegar sua garrafinha do lanche (suco). Quando questionado sobre o porquê de seu pedido, ele me explicou que queria ver como se “dizia” “Transformers”, porque ele gostaria de pedir um boneco dos Transformers de Natal.

Autorizei seu pedido, ele foi então até a mochila, pegou a garrafinha e copiou para sua folha todas as letras da palavra Transformers, lendo a palavra para mim em seguida. Abaixo, segue a imagem de seu registro com os pedidos de Natal.



Figura 2: Trabalho do aluno referente à Atividade 5 do projeto

Na segunda atividade, a confecção dos cartões natalinos, todos optaram por fazer registros escritos, mas de formas variadas. Alguns alunos me questionavam sobre quais letras deveriam colocar, enquanto outros solicitavam que eu escrevesse em um papel o texto ditado por eles, e então entregasse este a eles para que copiassem as palavras para o cartão.

Uma aluna conseguiu escrever de memória as palavras mamãe e papai, e vários deles reconheciam estas palavras ao me observarem escrever os textos ditados por eles.

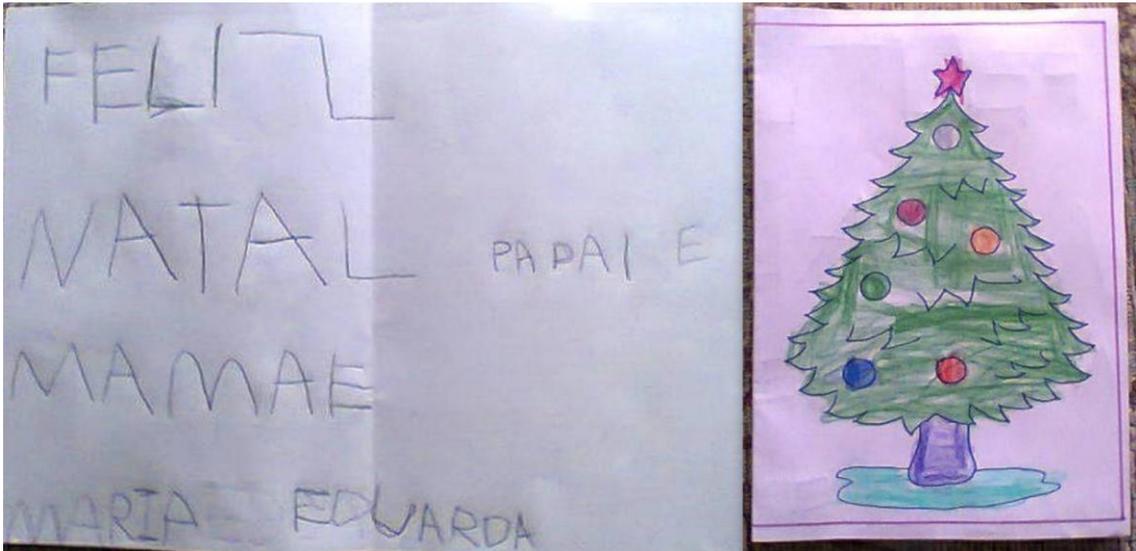


Figura 3: Trabalho do aluno referente à Atividade 6 do projeto

Os alunos demonstraram um interesse grandioso pelas atividades que estimulavam o registro, e mesmo ao final delas, continuavam a me questionar as letras com que iniciavam algumas palavras, a forma como deveriam ser escritas outras, fazer associações entre seus nomes e letras presentes em rótulos de produtos que traziam para seu lanche.

Atividades de letramento com a escrita podem e devem ter presença frequente na educação infantil. A todo momento, surgem oportunidades de registrar algo como apoio à memória, de ditar para o adulto uma carta que se quer enviar a alguém, de construir um cartaz sobre um trabalho desenvolvido. Enfim, são inúmeras as situações que podem ser aproveitadas para que as crianças percebam a função da escrita para fins diversos e a utilizem em práticas de interação social. (SOARES, 2009 s/p).

Conforme relatado por Soares, são inúmeras as possibilidades de trabalho com o registro nas turmas de Educação Infantil. Estas possibilidades surgem a todo o momento dentro da rotina da própria turma, através da leitura de um bilhete, uma história, ou até mesmo da escrita de um convite para uma festa que ocorrerá na instituição, porém cabe ao professor envolver os alunos nestas atividades, e trabalhá-las de forma que estas tenham um sentido e sejam significativas para eles.

No que diz respeito à construção de novas aprendizagens pelos alunos, notou-se que as atividades desenvolvidas tiveram grande importância. A partir dos resultados obtidos e registrados através dos instrumentos de coleta, foi possível perceber uma melhora significativa na linguagem oral dos alunos, aumento do

vocabulário, maior clareza na comunicação e um interesse crescente sobre as letras, a escrita convencional e seus usos.

Quanto à intervenção propriamente dita, é válido dizer que o trabalho com as diferentes formas de linguagem da criança, de forma interativa, conferiu um significado maior às práticas para os alunos, tornando as atividades menos mecânicas e mais atrativas. O trabalho com a possibilidade de utilizar a linguagem escrita, sem, no entanto fazer isto de modo obrigatório e repetitivo despertou um interesse crescente nas crianças, que passaram a questionar mais sobre o uso das letras, bem como refletir sobre os significados e sentidos do que estavam tentando registrar.

Estas atividades foram planejadas e executadas durante duas semanas, e seus resultados geraram grandes frutos. A partir disto, creio que seja possível afirmar que esta forma de trabalho é de grande valia para o professor e, se realizada desde o início do ano letivo, provavelmente apresentaria construções ainda mais complexas, desde que seja adaptada ao contexto em que irá se desenvolver.

4. Considerações finais

Ao final deste trabalho, foi possível perceber o quão importante é o desenvolvimento de atividades que envolvam as mais variadas formas de linguagem da criança, bem como o valor do tipo de planejamento efetuado pelo professor.

Através do projeto de intervenção elaborado a partir dos pressupostos de Magda Damiani, foi possível perceber o quão significativas podem ser estas ações e a quantidade e a qualidade de materiais que podem oferecer para que o docente reflita sobre suas práticas, bem como sobre os resultados destas.

Como professora e futura pedagoga, o desenvolvimento desse estudo foi particularmente interessante, pois me permitiu uma autoanálise sobre a prática que realizo, bem como a modificação de alguns comportamentos que eram repetidos sem que eu refletisse mais profundamente sobre eles.

As devoluções dos alunos durante as atividades foram emocionantes e tanto me estimularam a buscar mais coisas novas e ir além, quanto os incentivaram a novas descobertas e aumentaram sua vontade de aprender.

5. Referências

AHLBERG, Janet e Allan. **O carteiro chegou**. São Paulo: Companhia das letrinhas, 2007.

_____. **O Natal do carteiro**. São Paulo: Companhia das letrinhas, 2010.

BRASIL. Ministério da Educação. Secretaria de Educação Básica. **Diretrizes curriculares nacionais para a educação infantil** / Secretaria de Educação Básica. – Brasília : MEC, SEB, 2010.

BRASIL. Ministério da Educação e do Desporto; Secretaria de Educação Fundamental. **Referencial curricular nacional para a educação infantil**. Brasília: MEC/SEF, 1998a.

BRASIL. Ministério da Educação e do Desporto; Secretaria de Educação Fundamental. **Referencial curricular nacional para a educação infantil**. Brasília: MEC/SEF, 1998b.

BRASIL. Ministério da Educação e do Desporto; Secretaria de Educação Fundamental. **Referencial curricular nacional para a educação infantil**. Brasília: MEC/SEF, 1998c.

COELHO, Silmara. O processo de letramento na Educação Infantil. **Pedagogia em ação**, v.2, n.2, p. 1-117, nov. 2010 - Semestral

CRAIDY, Carmem; KAERCHER, Gládis E. **Educação Infantil: pra que te quero?** Porto Alegre. Artmed, 2001.

DAMIANI, Magda Floriana. et al. Discutindo pesquisas do tipo intervenção pedagógica. **Cadernos da educação**, Pelotas, FaE/PPGE/UFPel. p. 57–67, 2013.

HELM, Judy Harris; BENEKE, Sallee. **O poder dos projetos: novas estratégias e soluções para a educação infantil**. Artmed, 2005.

SOARES, Magda. Alfabetização e letramento: caminhos e descaminhos. **Revista Pátio**, Artmed, Porto Alegre. Fev, 2004

_____. Alfabetização e letramento na educação infantil. **Revista Pátio Educação Infantil**, Artmed, Porto Alegre, ano VII n.20 - Jul/Out, 2009

O carteiro Paulo – as cartas voadoras. Disponível em:
<https://www.youtube.com/watch?v=d0XXmYt7ywY> Acesso em: Outubro de 2014.